

“Se amor não é, qual é meu sentimento?”: o discurso amoroso e seus diálogos na lírica de Francesco Petrarca

Laura Danielly de Souza Couto
Universidade do Estado do Pará
lau_vitanuova@hotmail.com

RESUMO: A manifestação amorosa que fundamenta este trabalho é a que ocorreu durante a transição da Idade Média para o Renascimento, ocasionada pela obra *Cancioneiro*, do poeta italiano e primeiro humanista Francesco Petrarca. O que é proposto aqui, na dimensão de seu juízo, não busca apenas a compreensão dos aspectos estéticos do estilo do poeta de Arezzo, mas também atentar aos diálogos da voz amorosa petrarquiana que reverberou em inúmeras escolas literárias e que se tornou o idioma próprio do Amor. O Amor e a poesia caminham de mãos dadas, ambos se firmaram permanentemente no ideário humano; desse modo, quando falamos de poesia do Amor, é inevitável reconhecer a visibilidade e repercussão de Francesco Petrarca. A sua lírica deixou um extenso legado, principalmente no que tange à escrita sobre o amor. A “maneira petrarquista” marcou a compreensão amorosa no Renascimento que se difundiu por toda Itália e pelo mundo. Destarte, o que será abordado neste trabalho é a abrangência desta manifestação amorosa iniciada em Petrarca: não apenas como ele foi capaz de criar um idioma próprio do Amor, mas como, posteriormente, outros descobriram-se, – e ainda se descobrem – fluentes nele. Para tal, é essencial adentrar em alguns recursos da escrita poética de Petrarca, nomeadamente: o Amor, como agente da criação petrarquista e como centro da concepção poética do *Cancioneiro*; os oximoros e paradoxos, como aspectos estéticos que atraíram o poeta e que exaltaram a dubiedade de sua poesia; e Laura, a tão louvada Laura de Novaes, como a própria projeção do poeta no discurso amoroso.

Palavras-chave: Francesco Petrarca. *Cancioneiro*. Lírica Amorosa. Petrarquismo.

ABSTRACT: La manifestazione amorevole che sta alla base di quest'opera è quella avvenuta durante il passaggio dal Medioevo al Rinascimento, causata dall'opera *Cancioneiro*, dal poeta italiano e primo umanista Francesco Petrarca. Ciò che viene proposto qui, nella dimensione del suo giudizio, cerca non solo di comprendere gli aspetti estetici dello stile del poeta aretino, ma anche di prestare attenzione ai dialoghi della voce amorosa petrarchiana che riverberava in numerose scuole letterarie e divenne il linguaggio proprio dell'amare. Amore e poesia vanno di pari passo, entrambi permanentemente radicati nelle

idee umane; quindi, quando parliamo di poesie d'amore, è inevitabile riconoscere la visibilità e le ripercussioni di Francesco Petrarca. La sua lirica ha lasciato una lunga eredità, soprattutto per quanto riguarda la scrittura sull'amore. La "via petrarchista" segna la comprensione amorevole del Rinascimento che si diffuse in tutta Italia e nel mondo. Pertanto, ciò che verrà affrontato in questo documento è lo scopo di questa manifestazione amorevole iniziata in Petrarca: non solo come è stato in grado di creare un linguaggio tutto suo, ma come gli altri in seguito hanno scoperto - e si ritrovano ancora - fluenti in esso. A tal fine, è essenziale inserire alcune risorse della scrittura poetica di Petrarca, vale a dire: l'amore, come agente della creazione petrarchista e come centro della concezione poetica del Cancionero; ossimori e paradossi, come aspetti estetici che hanno attratto il poeta e che hanno esaltato la dubbiosità della sua poesia; e Laura, la tanto lodata Laura de Novaes, come la stessa proiezione del poeta nel discorso d'amore.

Parole chiave: Francesco Petrarca. Canzoniere. Lirica d'amore. Petrarchismo.

ABSTRACT: The loving manifestation that underlies this work is that which occurred during the transition from the Middle Ages to the Renaissance, caused by the work Cancionero, by the Italian poet and first humanist Francesco Petrarca. What is proposed here, in the dimension of his judgment, seeks not only to understand the aesthetic aspects of Arezzo's poet's style, but also to pay attention to the dialogues of the Petrarchian loving voice that reverberated in numerous literary schools and became the proper language of the. Love. Love and poetry go hand in hand, both permanently grounded in human ideas; Thus, when we speak of love poetry, it is inevitable to recognize Francesco Petrarca's visibility and repercussion. His lyric has left an extensive legacy, especially with regard to writing about love. The "petrarchist way" marked the loving understanding of the Renaissance that spread throughout Italy and around the world. Thus, what will be addressed in this paper is the scope of this loving manifestation begun in Petrarch: not only how he was able to create a language of his own, but how others later discovered - and still find themselves - fluent in him. To this end, it is essential to enter some resources of Petrarch's poetic writing, namely: Love, as an agent of petrarchist creation and as the center of the Cancionero's poetic conception; oxymorons and paradoxes, as aesthetic aspects that attracted the poet and that exalted the dubiousness of his poetry; and Laura, the much lauded Laura de Novaes, as the poet's own projection into the love speech.

Keywords: Francesco Petrarca. Canzoniere. Loving Lyric. Petrarchism.

I. Prelúdio

*Não sei o que sou, o que faço,
ora sou de fogo, ora de gelo,
toda mulher muda de cor,
toda mulher me faz palpitar.
Ao só nome de amor, de afeto,
se perturba, se altera o peito
e me força a falar de amor
um desejo que não posso explicar.
(Lorenzo da Ponte)*

A princípio, é fundamental que se entenda a completude do Amor perante a lacunosidade do sentimento humano, digo lacunosidade no sentido de vazio, das brechas em nossa constituição, que nos fazem sempre estar à procura de algo. À vista disto, o Amor tornou-se um anseio; amar e ser amado transformaram-se em personificações da completude. Ora, o Amor, em sua definição primordial mais pura e cabal, remete-se ao divino: por Amor o mundo foi criado, por Amor o seu Criador se entregou à morte. Porém, afirmar que este sentimento se manteve imaculado é, no mínimo, pueril. Durante a história da humanidade, outros sentimentos envolveram a mente humana, como a luxúria, a paixão, o ódio, a ganância e o ciúme. Todos estes, sem exceção, deixaram suas marcas no ideário humano, e, conseqüentemente, acabaram por entremear-se com o conceito de Amor, tornando-o um ser híbrido.

Todavia, para percepção de sua inteireza e para o regozijo de muitos, o ser humano tende a se manifestar poeticamente, e todos estes entremeamentos do Amor exprimem-se na literatura. É através dela – a literatura – que podemos compreender a importância deste sentimento nas diversas sociedades humanas.

A relação do homem com o Amor é semelhante, – de forma despojada – à dependência de um recém-nascido por sua mãe. Sem uma mãe é inviável a

sobrevivência, em sem o Amor, é infactível, antes de tudo, tornar-se mãe. É fato que nós, seres humanos, sempre buscamos decifrar-nos, e, entre todas as questões ditas herméticas e que vagueiam assaz pela mente humana, o Amor tornou-se uma das mais insondáveis. Por ser uma cadeia permeada e complexa, esse sentimento, mesmo que seja universal é, ao mesmo tempo, individual, pois só o Amor é capaz de manifestar-se de diversas maneiras em cada indivíduo, e é tal manifestação, a capacidade de ser múltiplo, paradoxal e único que o torna tão peculiar e abstruso.

Sendo assim, é possível compreendê-lo? Decifro este questionamento quando entendo não apenas o porquê que os homens amam, mas por que fazem o que fazem quando amam: A compreensão do Amor é o espólio de quem já o viveu. Por isso, o âmbito amoroso é um terreno muito explorado, a sua realidade é intrigante, os seus jogos seduzem, é nele que inúmeros seres se encontram, em desventuras e em glórias, aglutinando-se em uma bela e árdua busca pela plenitude. Não há certezas sobre como este sentimento aflorou na psique humana, apesar de profusos estudos. O Amor é exaltado no âmbito literário, com toda sua bravura, cortesia e resistência, girando as engrenagens do tempo e reverberando até os dias de hoje, consolidando-se assim na história da literatura mundial.

A manifestação amorosa que fundamenta este trabalho é a que ocorreu durante a transição da Idade Média para o Renascimento, ocasionada pela obra *Cancioneiro*, do poeta italiano e primeiro humanista Francesco Petrarca. O que é proposto aqui, na dimensão de seu juízo, não busca apenas a compreensão dos aspectos estéticos do estilo do poeta de Arezzo, mas também atentar aos diálogos da voz amorosa petrarquiana que reverberou em inúmeras escolas literárias e que se tornou o idioma próprio do Amor. O Amor e a poesia caminham de mãos dadas, ambos se firmaram

permanentemente no ideário humano; desse modo, quando falamos de poesia do Amor, é inevitável reconhecer a visibilidade e repercussão de Francesco Petrarca. A sua lírica deixou um extenso legado, principalmente no que tange à escrita sobre o amor, a “maneira petrarquista” marcou a compreensão amorosa no Renascimento que se difundiu por toda Itália e pelo mundo.

Destarte, o que será abordado neste trabalho, é a abrangência desta manifestação amorosa iniciada em Petrarca: não apenas como ele foi capaz de criar um idioma próprio do Amor, mas como, posteriormente, outros descobriram-se – e ainda se descobrem – fluentes nele. Para tal, é essencial adentrar em alguns recursos da escrita poética de Petrarca, nomeadamente: O Amor, como agente da criação petrarquista e como centro da concepção poética do *Cancioneiro*; os oximoros e paradoxos, como aspectos estéticos que atraíram o poeta e que exaltaram a dubiedade de sua poesia; e Laura, a tão louvada Laura de Novaes, como a própria projeção do poeta no discurso amoroso.

II. Do Petrarca de Laura

Se existiu um homem que foi muitíssimo apaixonado, esse homem foi Francesco Petrarca, e não se tratava de uma mera paixão trivial, “ele era apaixonado de uma maneira extraordinária, incendiária, solar.” (ROUGEMONT, 1988, p.153). E isto é do conhecimento de todo o mundo, pois Petrarca descortinou seu espetáculo amoroso, exprimindo poeticamente a turbulenta paixão que o dominava. Tudo começou na manhã da sexta-feira santa de 1327, quando viu pela primeira vez uma jovem loura de dezoito anos, e apaixonou-se imediatamente, “é absolutamente conhecido do mundo o nome do grande amor ‘poético’ de Petrarca: Laura.” (DOTTI, 2006, p. 72) Daquela manhã em diante, Petrarca dedicou todas as líricas de amor da sua

existência a ela. Essas líricas integram o *Canzoneiro*, composto por trezentos e dezessete sonetos, vinte nove canções, nove sextinas, sete baladas e quatro madrigais. “No *Canzoneiro* não existem personagens. Não há enredo nele. O que aparece nele é a aventura sentimental e poética de Petrarca, segundo uma linha evolutiva contínua” (TREVISAN, p. 13, 2014).

No entanto, quem era Laura? Muitos se aventuram em dizer que Laura foi um invento do poeta, usada apenas como um recurso em suas poesias

que a própria figura desenhada pelo poeta não passasse de um símbolo e, enfim, que Laura, em suma, não quisesse dizer nada mais que uma ‘láurea poética’ e que o amor pela mulher não significasse nada mais que o amor pela glória, a que Petrarca, sem dúvida, aspirava com toda a intensidade do próprio ardor juvenil. (DOTTI, 2006, p. 75-76)

Porém, Petrarca sempre sustentou que a existência de Laura era verídica. O que sabemos sobre ela é que era casada com um burguês rico e que possuía uma prole numerosa. “O amor do poeta por uma mulher casada estava, na verdade, inteiramente em conformidade com as tradições da poesia medieval, sobretudo a trovadoresca e a italiana” (DOTTI, 2006, p. 75). Laura foi a concretização poética do ideal de pureza e amor de Petrarca. Porém, uma concretização dual: incontestavelmente, amá-la o enobrecia, e também degradava-o. “O seu amor é paixão sincera, e o *Canzoniere* constitui um grande drama de amor, ou antes uma epopeia psicológica coerente: da Sexta-Feira Santa, na qual viu Laura pela primeira vez, até os dias da velhice” (CARPEAUX, 2008, p. 262). Seus versos são carregados de uma angústia e de um padecimento que provinham do desprezo de sua musa e também são marcados pelo processo de evolução espiritual que aflorou em Petrarca, principalmente, após a morte de Laura.

Laura faleceu vítima de peste, assim “começando em 6 de abril de 1327, o amor de Petrarca durou exatamente até a morte de Laura em 6 de abril de

1348, ou seja, 21 anos exatos” (DOTTI, 2006, p. 75). A perda de sua musa ocasionou a divisão do *Cancioneiro* em duas partes: *In vita di Madonna Laura* e *In morte di Madonna Laura*. Com a morte de Laura, Petrarca tentou representar a sua evolução espiritual, que, a seu modo, ecoou na progressiva espiritualização da imagem de Laura.

Porém, essa espiritualização que o sondava não o dominou. O Amor petrarquiano¹ era carnal, Petrarca trouxe Laura para a materialidade física, por mais que tentasse transparecer que seu amor era fruto de uma amizade espiritual, longe da sensualidade e da vulgaridade, ele se encontrava deveras aferrado à beleza de sua amada, aos seus olhos, ao seu corpo, à sua voz, ou seja, a tudo que é corpóreo, “no fundo do *Cancioneiro*, existe um impasse: Petrarca quer ser anjo, mas consegue apenas ser animal.” (TREVISAN, p. 18, 2014).

Destarte, em harmonia com que é proposto, veremos primeiramente como se fundamenta o discurso amoroso petrarquiano e como o Amor manifesta-se em sua poesia para, posteriormente, entendermos o papel de Laura na criação poética de Petrarca.

III. Do estilo e do amor petrarquiano

Ab o amor... que nasce não sei onde, vem não sei como, e dói não sei por quê.

(Camões)

O amor sempre esteve em voga na produção literária, e dificilmente podemos distanciá-lo da poesia, pois essa relação agregou-se no ideário humano de uma forma natural e inebriante. Porém, quando pensamos em poesia do amor, é inevitável reconhecer a influência da poesia de Francesco Petrarca. O legado da lírica petrarquista é extenso, sobretudo no que se refere à escrita sobre o amor, o estilo petrarquista assomou no Renascimento e se

difundiu por Itália e pelo mundo. “A atitude da época era a favor da imitação, então poetas em vários países imitaram o que era imitável – a dicção estereotípica, mas infinitamente flexível do petrarquismo” (FORSTER, 1969, p. 23).

Sendo assim, o que veio a pormenorizar a criação petrarquista? O que de tão *sui generis* dimanou de Petrarca que se alastrou de maneira tão demasiada e veloz pelo mundo? Toda esta influência da lírica petrarquista ergue-se de seu estilo metafórico, contraditório e simbólico. Como afirma Otto Maria Carpeaux:

A poesia de Petrarca parece a mais gasta do mundo; pois as suas expressões e metáforas foram mil vezes repetidas e imitadas em todas as línguas, e qualquer dos seus versos nos lembra imediatamente outros versos que já conhecíamos. A poesia petrarquesca virou imenso lugar-comum. (2008, p. 262)

Petrarca trouxe na figura da sua mulher amada uma experiência paradoxal relacionada ao viver amoroso, a confluência desses fatores incitou o sistema petrarquista, remetendo à Petrarca a criação de algo equivalente a um idioma próprio do amor. “Ele reuniu em si tudo quanto os provençais, o *Dolce Stil Nuovo* e Dante tinham criado como motivos e formas de lirismo e lhes acrescentou algo de mais conscientemente artístico de mais íntimo, e uma riqueza mais pessoal dos movimentos da alma” (AUERBACH, 2015, p. 211).

Assim o *Cancioneiro*, concluído por volta de 1370, tornou-se um exemplo da nova sensibilidade poética e o principal modelo da lírica amorosa no Ocidente. “O [verso] de Petrarca é movediço, multicolor, uma festa contínua para o ouvido, como se o autor desejasse seduzir o leitor mediante melodias hipnotizadoras” (TREVISAN, 2014, p. 19). O louvor de Petrarca à sua amada Laura de Novaes inicia um emocionante jogo paradoxal, no qual o amor e a razão duelam entre si. No *Cancioneiro*, é possível perceber a dimensão da

perturbação do poeta, o “eu-petrarquista” é caótico e atônito, sempre buscando compreender por que é atormentado, e sem ímpeto para reagir às investidas do Amor. O poeta também se aflige ante os enigmas que convertem o Amor em um labirinto, cercado-o de caminhos incandescentes que se mostram exuberantes em consternações e escassos em regozijo. O ardor que o consome é culpa do Amor – personificado no *Cancioneiro*, como Eros, alado e munido de arco e flechas – que o torna impotente; os efeitos são severos e a resposta álgida da sua musa o levam a um estado de melancolia e piedade.

Assim, mesmo ante ao desprezo da musa o poeta dedica-se exclusivamente e exaustivamente a louvá-la e a perpetuá-la em suas rimas. Logo, esse “idioma do amor”, urdido por Petrarca gravita à volta de suas experiências, ou seja, do “eu-petrarquista”. Mesmo que seus poemas sejam em primeira pessoa, eles não possuem um caráter individualizado, impossibilitando que outros seres humanos se sensibilizem e compartilhem destas experiências, pelo contrário, o poeta viabiliza a universalização de sua poesia quando expressa de forma impetuosa, ainda que natural, a sua glória e a sua dor. Petrarca instituiu, dessa forma, uma poesia significativamente flexível, que propiciou à posterioridade um modelo da lírica amorosa.

É, também, referido a Petrarca a disseminação do soneto, que é uma forma fixa literária composta por quatro estrofes, tendo as duas primeiras, quatro versos cada, - quartetos – e as duas últimas, três versos cada, – tercetos –. Petrarca aperfeiçoou esta estrutura poética que já vinha sido cultivada na Sicília e difundiu-a por toda Europa, quanto à forma, Petrarca estabelece os hendecassílabos.

O soneto petrarquista é composto de catorze versos com dez sílabas poéticas, obedecendo os esquemas de rimas ABBA ABBA CDC DCD, com alternância nos tercetos CDE CDE (C D C). Geralmente os versos são

“Se amor não é, qual é meu sentimento?”: o discurso amoroso
e seus diálogos na lírica de Francesco Petrarca
Laura Danielly de Souza Couto

heróicos ou sáficos, que pela delimitação da tonicidade das sílabas, compõe ritmo e sonoridade à poesia. Como podemos observar neste soneto:

V
Quando io movo i sospiri a chiamar voi, A
e 'l nome che nel cor mi scrisse Amore, B
LAUdando s'incomincia udir di fore B
il suon de' primi dolci accenti suoi. A

vostro stato REal, che 'ncontro poi, A
raddoppia a l'alta impresa il mio valore; B
ma: - TAcì, grida il fin, ché farle onore B
è d'altri òmeri soma che da' tuoi. - A

cosí LAUdare e REverire insegna C
la voce stessa, pur ch'altri vi chiami, D
o d'ogni reverenza e d'onor degna: C

se non che forse Apollo si disdegna C
ch'a parlar de' suoi sempre verdi rami D
língua mortal presuntüosa vegna C

O soneto petrarquista dispõe de uma introdução que exhibe o tema:

Quando io movo i sospiri a chiamar voi,
e 'l nome che nel cor mi scrisse Amore,
LAUdando s'incomincia udir di fore
il suon de' primi dolci accenti suoi.

Seguida das ideias que incrementam a temática:

vostro stato REal, che 'ncontro poi,
raddoppia a l'alta impresa il mio valore;
ma: - TAcì, grida il fin, ché farle onore
è d'altri òmeri soma che da' tuoi. -
cosí LAUdare e REverire insegna
la voce stessa, pur ch'altri vi chiami,
o d'ogni reverenza e d'onor degna:

E finaliza-se com a conclusão, no último terceto:

“Se amor não é, qual é meu sentimento?”: o discurso amoroso
e seus diálogos na lírica de Francesco Petrarca
Laura Danielly de Souza Couto

também Apolo o indiscreto abomina
que alardeie seu sempre verde ramo
com a língua mortal e presunçosa.

No qual, geralmente, apresenta o desfecho de todo poema. Neste soneto virtuosístico em particular, Petrarca também faz jogos verbais e gráficos com o nome de Laura – Laureta – comparando-a com o louro, a árvore de Apolo. Ademais, em suas poesias, Petrarca impeliu um estilo e uma linguagem simples, que lhe permitiu expressar naturalmente um sentimento tão conturbado. Petrarca instituiu, dessa forma, uma poesia significativamente flexível, que propiciou à posterioridade um modelo da lírica amorosa.

Outro aspecto do estilo petrarquiano muito reproduzido, além do soneto, talvez seja o oximoro. O oximoro é uma figura de linguagem frequente na poesia de Petrarca, etimologicamente oximoro vem do grego ὀξύς - *oksyís*, (“arguto; fino”) e μωρός - *morós*, (“tolo; grosseiro”) pelo latim: *oxymōrus* e consiste na agregação em um só enunciado de dois pensamentos de sentidos opostos que se excluem, a fim de reforçar a expressão. Dessa forma, em uma obra permeada por dubiedades, como a de Petrarca, essa figura de linguagem acaba por ocupar um papel marcante.

O oximoro também carrega uma perspectiva metafórica, pois, de certa forma mostra-se como algo transcendente, que foge à realidade, um devaneio sem manifestação concreta. É provavelmente por isto, por esta capacidade de expressar o além do perceptível, que o oximoro tenha atraído o poeta.

Neste célebre soneto, ficam claras as contradições, as sensações destoantes que permeiam por toda obra petrarquiana:

CXXXII

S'amor non è, che dunque è quel ch'io sento?
Ma s'egli è amor, per Dio, che cosa e quale?
Se bona, onde l'effetto aspro mortale?
Se ria, ond'è sí dolce ogni tormento?

“Se amor não é, qual é meu sentimento?”: o discurso amoroso
e seus diálogos na lírica de Francesco Petrarca
Laura Danielly de Souza Couto

S’a mia voglia ardo, onde ‘l pianto e lamento?
S’a mal mio grado, il lamentar che vale?
O viva morte, o diletto male,
Come puoi tanto in me, s’io no ‘l consento?

E s’io ‘l consento, a gran torto mi doglio.
Fra sí contrari vèntri in frale barca
Mi trovo in alto mar senza governo,

Sí lieve di saver, d’error sí carica
ch’i’ medesimo non só quel ch’io mi voglio,
E tremo a mezza state, ardendo il verno.

No estilo petrarquiano, o oximoro não se realiza apenas como uma antítese, palavras que se contrapõem ou se anulam como: “state/verno e tremo/ardendo (E tremo a mezza state, ardendo il verno)”, mas também por frases paradoxais que trazem conflitos e que motivam o efeito que o poeta quer causar (*Se bona, onde l’effetto aspro mortale? / Se ria, ond’è sí dolce ogni tormento?*), se é boa, não deveria ser mortal, se é má, não deveria ser doce.

O oximoro pode revelar-se metaforicamente como uma transferência de sentido ou significado, assim quando o eu lírico questiona:

S’amor non è, che dunque è quel ch’io sento?
Ma s’egli è amor, per Dio, che cosa e quale?

Outorga ao Amor o sentido de agente causador das sensações contrárias entre si, e, contrárias, também, à lógica que dominam o poeta.

Da mesma forma quando interpela:

S’a mia voglia ardo, onde ‘l pianto e lamento?
S’a mal mio grado, il lamentar che vale?
O viva morte, o diletto male,
Come puoi tanto in me, s’io no ‘l consento?

O poeta demonstra uma transição de sentidos: Por que se lamentar de amar ardentemente? Quando amar não deveria prefigurar-se como um

lamento, e de que vale o seu lamento, se o sabor mortal do amor o domina mesmo sem consentimento?

Logo, tais contradições criam uma aura lírica que influenciou muitos poetas. A prática poética do oxímoro não intenta buscar precisamente a realidade, mas sim, denotar o sentimento conturbado de quem a produz. À vista disto, os oxímoros foram canonizados por Petrarca que os utilizou para reforçar a dubiedade de seus sentimentos, como uma espécie de transbordamento de seu estado mental, loucamente são e apaixonado, atormentado por um anjo e por um demônio.

IV. Da Laura de Petrarca

*Meu coração morre muitas vezes,
mais dolorosamente que de morte natural,
por vós, Senhora,
que ele deseja e ama mais que a si mesmo...
Tenho dentro de mim um fogo
que creio jamais, jamais, poderá extinguir-se...
Por que ele não me consome de uma vez?
(Jacques de Lentino)*

É certo que toda essa repercussão não existiria se na sexta-feira santa de 1327 Petrarca não tivesse conhecido a sua musa, que inspirou toda sua criação poética, Laura de Novaes.

No *Cancioneiro*, Laura é casta, gentil, maquilhada de mil e uma cores, munida de outros tantos mil atributos, ornada de flores, cercada pelo suspirar suave das águas, com artes mágicas capazes de transformar o poeta:

CCXII

Grazie ch'a pochi il ciel largo destina:
rara virtù, non già d'umana gente,
sotto biondi capei canuta mente,
e 'n humil donna alta beltà divina;

“Se amor não é, qual é meu sentimento?”: o discurso amoroso
e seus diálogos na lírica de Francesco Petrarca

Laura Danielly de Souza Couto

leggiadria singulare et pellegrina,
e 'l cantar che ne l'anima si sente,
l'andar celeste, e 'l vago spirto ardente,
ch'ogni dur rompe et ogni altezza inchina;

e que' belli occhi che i cor' fanno smalti,
possenti a rischiarar abisso et notti,
et tórre l'alme a' corpi, et darle altrui;

col dir pien d'intellecti dolci et alti,
co i sospori soave-mente rotti:
da questi magi transformato fui.

(PETRARCA, 2014, p. 330)

Figura 2: *Laura und Petrarca*, Ary Scheffer (Dutch, 1795–1858).



Fonte: Artnet, 2019.

Laura é o sol, Laura é a musa, Laura é a vida, Laura é a luz, Laura é o belo, Laura é a virtude, Laura é a guia, Laura é a perdição, Laura é a única no mundo, Laura é o próprio Amor que o aprisionou: a resplandecência de Laura exaspera os sentidos do poeta, fazendo emergir os seus pecados e as suas

fraquezas, desenrolando-se como a razão de todo o tormento petrarquiano
“assim de bem amar sofro o tormento (PETRARCA, 2014, p. 325).”

Mediante isto, Laura é elementar para a manifestação amorosa da poesia de Petrarca, visto que toda a obra é imbuída na relação poeta-musa. O poeta se constrói ante a musa em um diálogo incessante, trazendo-a para a realidade concreta, não tão espiritualizada ou inalcançável, mas tangível, mesmo que a preocupação de Petrarca seja de louvá-la mais do que de a possuir.

O Amor petrarquiano tem objetivos claros: enaltecer os atributos de sua amada, louvá-la, engrandecê-la, mesmo que o diminua, e, para isto, o poeta orna-se com metáforas, antíteses, alegorias e comparações. Porém, fica evidente que nada disto o deixará satisfeito; a beleza de sua musa transcende qualquer fundamento; nada é tão encantador quanto os olhos de Laura; seus cabelos se sobrepõem ao mais puro ouro; nem o cantar dos anjos é mais deleitoso que sua voz:

CCXX

Onde tolse Amor l'oro, et di qual vena,
per far due trecce biondi? E 'n quali spine
colse le rose, e 'n qual piaggia le brine
tenere et fresche, et die' lor polso et lena?

Onde le perde, in ch'ei frange et affrena
dolci parole, honeste el pellegrine?
Onde tante bellezze, et sí divine,
di quella fronte, piú che 'l ciel serena?

Da quali angeli mosse, et di qual spera,
qual celeste cantar che mi disface
sí che m'avanza omai da disfar poco?

Di qual sol nacque l'alma luce altera
di que' belli occhi ond'io ò guerra et pace,
che mi cuocono il cor in ghiaccio e 'n fuoco?
(PETRARCA, 2014, p. 338)

Figura 3: Representação de Laura em um manuscrito preservado na Biblioteca Medici de Florença



Fonte: Wikipédia, 2019.

Desse modo, Laura prefigura-se mais do que um modelo, mais que uma forma e muito mais que uma musa idealizada, Laura é explícita e vive para ser cismada como sinônimo de mulher, não apenas a mulher que inspirou Petrarca, mas a Mulher que pode inspirar e cativar a todos nós. Esta é a musa petrarquista: a mulher que é a razão de todo o Amor.

V. Desenlaces

*Amiúde se me representa
a obscura situação em que o Amor me põe,
e ainda a piedade, de tal modo
que digo: Ai de mim! sofrerá alguém assim?
pois que o Amor me assalta de repente
e a vida quase me abandona:
fica-me um espírito, apenas, bem desperto
que se mantém assim porque de vós se ocupa.
Luto, depois, para não ser vencido;
e esmorecido, assim, de todo o valor falto,
venho até vós buscando a cura:
e se levanto os olhos para ver-vos,*

“Se amor não é, qual é meu sentimento?”: o discurso amoroso
e seus diálogos na lírica de Francesco Petrarca
Laura Danielly de Souza Couto

*no peito meu se inicia uma tremura,
que faz que a alma deixe de pulsar.
(Dante Alighieri)*

O “idioma do Amor” originado em Petrarca se difundiu pelo mundo de maneira prodigiosa e toda a ação acarretada da lírica petrarquiana urdiu do diálogo direto entre a palavra e a vida, entre o amor e a poesia, proporcionando, assim, uma nova concepção do sentimento amoroso, concepção esta que tornou possível a “humanização” deste sentimento. Petrarca estremeia-se da visão espiritualizada e filosófica do *dolce stil nuovo* – da *donna angelicata*, a musa idealizada, só possível de ser amada em níveis espirituais –, ele empreende-se em tornar evidente que Laura é um ser humano, que o seu objeto de paixão é corpóreo, que a sua musa é de carne e osso, que os seus sentimentos são viventes, por isso são paradoxais e viciosos, só retomando ao sistema *stilnovista* após a morte de sua amada, onde o amor do poeta se torna permissível apenas em transcendência.

Dessa forma, é pertinente sancionar, de acordo com o que já foi exposto, que o cantor de Laura harmoniza uma verdadeira superabundância de si mesmo em seus versos. Assim, o discurso petrarquiano é imbuído e transpassado por suas experiências pessoais relacionadas ao Amor. A lírica de Petrarca é incontestavelmente dual, apesar de ser um louvor absoluto ao Amor, o poeta é deveras conturbado pelos seus malefícios, resultando em todo seu estilo paradoxal deste diálogo, onde o Amor é exímio e ordinário, a sua voz ecoa pelo âmbito do lirismo amoroso, gritando como amar e sofrer é essencialmente humano.

Notas

¹ Utilizo aqui a definição para o termo “petrarquiano” como a própria obra de Petrarca, criada por ele e, para o termo “petrarquista”, o que se espelhou nele, ou seja, a sua repercussão. De acordo com a Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa

“Se amor não é, qual é meu sentimento?”: o discurso amoroso
e seus diálogos na lírica de Francesco Petrarca
Laura Danielly de Souza Couto

(2001), “a designação de petrarquismo (e de petrarquista) tende hoje a ser utilizada para mencionar a atividade dos sequazes de Petrarca (1304-1374), ao passo que o conceito de petrarquianismo (a semelhança do adjectivo petrarquiano) tem por referência, para a crítica especializada, o labor de Petrarca”.

VI. Referências

AUERBACH, Erich. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BIBLOS. Petrarquismo. In: *Enciclopédia Verbo das literaturas de língua Portuguesa*. Volume 4. Lisboa: Verbo, 2001.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. 3ª. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

DOTTI, Ugo. *Vida de Petrarca*. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2006.

FORSTER, Leonard. *The Icy Fire. Five Studies in European Petrarchism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

PETRARCA, Francesco. *Cancioneiro*. Trad. José Clemente Pozenato. SP: Ateliê Editorial; Capinas: Editora da Unicamp, 2014.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o Ocidente*. Trad. Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

TREVISAN, Armindo. Petrarca: O Poeta que Nunca Morreu. In: *Cancioneiro*. Trad. José Clemente Pozenato. SP: Ateliê Editorial; Capinas: Editora da Unicamp, 2014.

Figura 1: Disponível em: <<http://www.artnet.com/artists/ary-scheffer/laura-und-petrarca-u7TN6qGPyllzGPnOkkduslQ2>>

Figura 2: Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Francesco_Petrarca01.jpg >